

*La guerre froide de Georges-Henri Soutou**

Daniel Afonso da Silva**

SOUTOU, Georges-Henri. *La guerre froide, 1943-1990*. Paris: Pluriel, 2011.

O efeito Braudel e *Annales* possui dimensões decisivas na cultura histórica e historiográfica brasileira e mundial. O dono dos magistrais *La méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* e *Civilisation matérielle, économie et capitalisme*, Fernand Braudel (1902-1985), foi considerado ainda em vida um dos pensadores e produtores de saber histórico e historiográfico mais importantes de seu tempo. Os seguidores de Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1876-1956), inclusos Fernand Braudel e seus sucessores na prestigiosa *École des Annales*, continuam produzindo saber histórico e historiográfico dos mais consistentes e criativos disponíveis. Levando em consideração a proximidade política e acadêmica do Brasil com a França desde tempos imemoriais, não parece demais afirmar que muito do que se produz na área de história pelo Brasil vem marcado por essa matriz francesa.

Para todos os efeitos e juízos, a historiografia francesa e o saber histórico de excelência produzidos na França não se reduzem ao incontornável e decisivo por sua importância e abrangência universo Fernand Braudel e *Annales*. Diversos outros segmentos concorrentes, acessórios ou complementares a esse universo representam a historiografia francesa e possuem dimensão de respeitabilidade internacional. Um deles, de extrema relevância, trata de história diplomática e de história das relações internacionais.

* Resenha recebida em 13/08/2014. Aprovada em 21/09/2014.

** Doutor em História Social pela USP, São Paulo/SP, Brasil. Professor de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande/PB, Brasil. E-mail: daniel.afonso66@hotmail.com

Pierre Renouvin e Jean-Baptiste Duroselle representam o núcleo desse nicho. Seu *Introduction à l'histoire des relations internationales* de 1964 marcou espécie de *turning point* em tudo que vinha sendo produzido sobre história diplomática e de história das relações internacionais nos principais centros de saber histórico mundo afora. Mesmo assim, sua obra e seus seguidores foram e são marginalizados e menosprezados no sistema daquilo que se entendia e se entende por boa prática de história *à la française*.

O problema central provavelmente reside, entre outros aspectos, na aproximação ao tempo presente do aporte de história diplomática e de história das relações internacionais, no estilo afirmado por Renouvin e Duroselle. O tempo presente – ou, mais diretamente, a história do tempo presente – jamais gozou de afeição entre historiadores. Muitos o julgam assunto de cientistas políticos ou sociais. Outros consideram *métier* para jornalistas. A maior parte se esquece ou simplesmente desconhece *L'étrange défaite* do mestre Marc Bloch.

O crepúsculo da explosão 1914-1918 impôs a necessidade de entender as suas origens e razões da guerra. Uma das estratégias foi a construção e promoção de arquivos públicos nacionais. Organização e disposição de documentos acabam sendo ofício de arquivista. Análise e produção de saber restam, por excelência, serviço de historiador.

Pierre Renouvin para o caso da França e Edward H. Carr para o caso da Inglaterra – para ficar apenas em dois casos mais evidentes – emergem desse contexto. São os primeiros e principais historiadores de seus países a sistematizar análise a partir de densa base empírica sobre a história recente que tinha proporcionado aquele presente tão obscuro do pós-guerra.

The twenty years' crisis, 1919-1939, de Carr, e *Introduction à l'histoire des relations internationales*, de Renouvin e Duroselle, são correntemente entendidos mais como produtos de cientistas políticos ou teóricos das relações internacionais que de historiadores. A razão disso emana claramente de

permanentes mal-entendidos no interior da disciplina história. Especialmente, mas não exclusivamente, na França. Sendo assim, afugentados, os navegantes da história política global e mundial do tempo presente acabam por encontrar refúgio entre jornalistas e cientistas políticos e sociais. O caso brasileiro não foge à regra. Do contrário, parece que a reforça.

De toda maneira, independente do lugar de amparo e classificação do observador da história diplomática e da história das relações internacionais, sua maestria no trato dos temas e problemas do tempo presente continua seu distintivo. A demonstração dessa assertiva pode ser contemplada no exímio *La guerre froide* de Georges-Henri Soutou.

Georges-Henri Soutou – na ilustre companhia de Maurice Vaisse – constitui o que de mais sofisticado existe no espaço francês de historiadores dedicados à análise da história diplomática e da história das relações internacionais contemporâneas. Professor emérito da Université de Paris IV Panthéon-Sorbonne, Georges-Henri Soutou dedicou toda uma vida à análise diplomática do tempo presente. O seu tempo presente teve como marca o conflito Leste-Oeste. A esse conflito se convencionou denominar Guerra Fria. Sendo esta, portanto, o objeto central de suas investigações, das quais, *La guerre froide* pode ser considerada como expressão total de sua consagração.

Uma primeira versão de *La guerre froide* veio a público em 2001 como *La guerre de cinquante ans: les relations Est-Ouest, 1943-1990*. Entretanto, a profunda renovação do entendimento sobre os temas e problemas do período, evocada pela progressiva abertura de arquivos, sobretudo referentes ao mundo soviético, levou Georges-Henri Soutou a promover uma exemplar revisão e ampliação de seu estudo. Dessa revisão e ampliação resultam as mais de 1.100 páginas, escritas no mais charmoso e esmerado estilo narrativo e expositivo de nosso tempo, desse verdadeiro monumento sobre o conflito que dominou o imaginário e a concretude das vidas de todos durante grande parte do século XX.

Em cerca medida, esse conflito tivera início em 1917 com o estabelecimento do embate ideológico entre o mundo livre e o socialismo real. Mas a tensão do pós-Segunda Guerra Mundial não foi movida apenas por ideologia. O destino da Alemanha, culpada por 1914 e por 1939, foi o núcleo do processo. O caráter incisivo das disputas pela definição desse destino começou a ser esboçado em 1943 em Teerã; primeira das três reuniões entre os grandes Estados Unidos, Inglaterra e URSS. Por isso, 1943 constitui o ponto de partida de *La guerre froide* que vai recobrir a história diplomática do mundo até 1990, momento do exaurimento total do conflito.

De 1943 a 1990 muitos ventos moveram os moinhos do mundo. O imperativo de derrocar Hitler deu o *stat* definitivo. A morte do presidente Roosevelt entre Yalta e Potsdam produziu imenso desconsolo. A ascensão do presidente Truman e a investida sobre o Japão, com a destruição de Hiroshima e Nagasaki, causou muita apreensão. A necessidade da Inglaterra e França abdicarem de seus domínios coloniais foi um trauma. A relutância ao domínio franco-britânico do Mediterrâneo e do Oriente Médio promoveria diversos problemas. O mando americano-soviético sobre a Coreia após a saída japonesa trazia maus presságios. A ilusão dos tempos de paz e democracia vivida de 1945 a 1946 não tardaria se modificar e avançar para aliança atlântica, plano Marshall e política de contenção a partir de 1947. Daí em diante não se fala de Guerra Fria.

Guerra Fria, em muitos sentidos, pelo efeito dissuasório do artefato nuclear. Nesse quesito, Georges-Henri Soutou contraria a quase integralidade do consenso sobre o período. Em seu entender, a posse da tecnologia para produção de armamento nuclear – que a partir de 1949 deixou de ser monopólio americano – tornara o conflito ainda mais perigoso e incerto. O processo decisório precisou ganhar em dinamismo. A mútua capacidade de intimidação impôs o aperfeiçoamento dos aparelhos políticos e diplomáticos nacionais e internacionais.

Outro ponto altíssimo do livro foi notar e reforçar que obviamente “*la guerre n’a pas été froide pour tout le monde*” e, por consequência, teve dimensões para muito além da tensão Leste-Oeste. As zonas de influência de Estados Unidos e União Soviética não eram homogêneas. Houve muito desentendimento em seus interiores. Mais que isso, nem todos os países do mundo compunham essas zonas. Os não alinhados, muitos dos quais participaram da reunião de Bandung em 1955, representam apenas um exemplo. Não fora fácil a relação China e Iugoslávia com a URSS, por exemplo, como também fora muitíssimo complicada a interação Estados Unidos e Europa livre.

Avançando na análise, a morte de Stalin em 1953 emerge como momento importante de definição do destino do conflito. Outro momento de importância fora, conseqüentemente, o incidente diplomático americano-cubano-turco-soviético de 1962. Com imensa lucidez, Georges-Henri Soutou relembra que Raul Castro e Ernesto Guevara eram membros do Partido Comunista Cubano antes, durante e depois de Sierra Maestra e que foram eles os demandadores de apoio soviético para a revolução. A inserção de Krhuchev nos assuntos da ilha e sua manobra contra o presidente Kennedy foram disso desdobramentos. No mesmo íterim de desdobramentos vão relacionados os incidentes que envolvem a ação e reação ao bloco socialista no caso da guerra da Coreia, do canal de Suez, dos desatinos na Hungria, na Polônia, em Praga e no Vietnã. A partilha da Alemanha e a construção do muro de Berlim representam simplesmente o núcleo dessas desavenças todas.

Outro momento decisivo da obra trata do período do presidente Nixon-Kissinger. Nesse período, 1969-1975, o núcleo do conflito ganhou outra dimensão. Deixou de ser expressão da tensão Leste-Oeste para apreender precisamente Estados Unidos, URSS, China, Japão e Europa, ou seja, a relação pentagonal como sugeria o secretário Kissinger. A mirada, portanto, começa a ser mais pragmática – menos ideológica e mais geopolítica. Tudo para superar o

fantasma Vietnã e a assombração crise econômica interna dos Estados Unidos. Para o segundo período, o presidente Nixon simplesmente suspende a participação de seu país dos acordos saídos de Bretton Woods. A brutalidade da crise financeira de 2008 faz desnecessárias maiores explicações de suas consequências.

Os acordos saídos da conferência de Helsinki de 1973 a 1975 também são muitíssimo abordados em *La guerre froide*. Essa conferência, ressalta Georges-Henri Soutou, definiu o destino jurídico do conflito. Determinou os mecanismos para afirmação da nova ordem europeia e mundial, até então desprovida de verdadeiro tratado de paz.

Os dez anos seguintes, 1975 a 1985, presenciaram diversos momentos de apreensão – Kippour, Irã, Afeganistão, Polônia. Mas viu também fatores de avanço ao fim definitivo do conflito como a chegada de Gorbachov ao centro do Politiburo soviético. As negociações a seguir, enfim, definiriam o destino da Alemanha e dos demais envolvidos.

Apanhada no conjunto, de 1943 a 1990, *La guerre froide*, de Georges-Henri Soutou, promove uma formidável síntese do período. Mas afirmar *La guerre froide* como síntese não faz jus ao imenso trabalho de análise, pesquisa e atualização empreendido por Georges-Henri Soutou. Nesse sentido, o julgamento mais procedente e que, em certa medida, representa a mensagem da obra talvez seja, de uma vez por todas, se reconhecer que sobre história diplomática e história das relações internacionais globais e mundiais do tempo presente, a história e o historiador também têm muito a dizer.